

NAUFRÁGIO ROMANO NOS CORTIÇAIS MAR DE PENICHE GUARDA SEGREDOS DE HÁ DOIS MIL ANOS

Quando, em Maio de 2005, alunos da Universidade de Coimbra mergulharam pela primeira vez na baía dos Cortiçais, estavam longe de imaginar o que lhes reservava o fundo do mar de Peniche.

Tudo começou na Primavera de 2004, quando Luís Santos Jorge, caçador submarino, avistou no fundo rochoso dos Cortiçais (costa sul de Peniche) alguns fragmentos cerâmicos. Entre Setembro e Dezembro de 2004, foram realizados vários mergulhos e intervenções no local. Estas missões, realizadas sob a responsabilidade de Jean-Yves Blot [arqueólogo convidado pelo CNANS (Centro Nacional de Arqueologia Náutica e Subaquática)], contaram com a participação de alguns membros do GEPS (Grupo de Estudos e Pesquisas Subaquáticas), do próprio achador e de alguns mergulhadores de Peniche (Clube Naval de Peniche). Os primeiros fragmentos cerâmicos, caracterizados por A. M. Dias Diogo como pertencentes a ânforas de tipo Haltern 70 de pasta bética, voltavam assim à superfície, passados mais de dois mil anos.

Depois destes primeiros mergulhos, o sítio voltou a ser visitado. Foram, desde então, realizadas duas campanhas subaquáticas, realizadas no início do Verão de 2005 e de 2006, e uma campanha terrestre, no Inverno de 2005.

A equipa constituída em Maio de 2005, dirigida por Jean-Yves Blot, tem trabalhado na divulgação e estudo arqueológico do sítio. As campanhas arqueológicas realizadas têm contado com o apoio do Museu e da Câmara Municipal de Peniche, bem como com a participação activa de associados do GEPS e de alunos da Universidade de Coimbra, ao abrigo do Protocolo de Cooperação firmado entre a UC e o GEPS em 12 de Novembro de 2004. A campanha de 2005 contou igualmente com o apoio de Mário Jorge Almeida, do Museu Nacional de Arqueologia. Rui Venâncio, arqueólogo do Museu de Peniche, bem como alguns arqueólogos e entusiastas da arqueologia subaquática são igualmente presenças constantes. As referidas intervenções transformaram os Cortiçais no primeiro caso confirmado de naufrágio de época romana em águas nacionais.

UM NAVIO CARREGADO DE HALTERN 70

Um naufrágio apresenta um espectro cronológico muito restrito, uma vez que os materiais associados à perda do navio, nomeadamente a respectiva carga comercial, correspondem a um período relativamente curto, que se situa entre o carregamento e a perda da mesma. Até ao momento não foram descobertos vestígios da embarcação propriamente dita. E a forte dinâmica marinha que se faz sentir no local reflecte-se na grande dispersão e abrasão dos fragmentos cerâmicos, eliminando qualquer informação referente à sua eventual localização a bordo do navio.

As ânforas de tipo Haltern 70 parecem ter constituído a carga principal do navio. Este tipo de contentor anfórico terá transportado essencialmente vinho e seus derivados, e foi tradicionalmente produzido na região da antiga província romana da Bética (Andaluzia), desde meados do século I a.C. a meados do século I d.C. Este tipo de ânfora apresenta uma grande difusão em todo o território actualmente português, tendo sido o vinho bético exportado para todo o Império Romano, principalmente durante a primeira metade do século I d.C. A descoberta de *sigillata itálica* a bordo fez-nos diminuir o horizonte cronológico do naufrágio. Os fragmentos de *sigillata* que recolhemos foram identificados como sendo de produção itálica por A. M. Dias Diogo, que os inseriu no intervalo cronológico de 15 a.C. a 15 d.C., época em que esta cerâmica fina foi amplamente exportada para o Ocidente peninsular.

O destino desta embarcação, que atravessou meio Atlântico, é uma incógnita. Mas o facto de ter naufragado tão próximo da costa de Peniche será apenas uma coincidência? Vários vestígios arqueológicos de época romana, existentes na área correspondente à antiga ilha de Peniche, parecem indicar que não.

O PROJECTO CORTIÇAIS

A parceria de várias entidades e valências neste tipo de actividades é cada vez mais importante e necessária.

O Projecto dos Cortiçais não existiria sem a colaboração e apoio do CNANS/IPA (Instituto Português de Arqueologia), do Museu e da Câmara Municipal de Peniche, do GEPS e da Universidade de Coimbra. Mas, mais importante do que o nome das instituições, são as pessoas que as representam e que, voluntariamente, "mergulharam" nos Cortiçais.

A via para a formação de jovens arqueólogos subaquáticos foi aberta, na Universidade de Coimbra, com a criação da cadeira de Arqueologia Naval, leccionada por Vasco Gil Mantas. E o subsequente protocolo, firmado entre a Reitoria da UC e o GEPS, veio proporcionar a integração de alunos em intervenções arqueológicas subaquáticas.

O objectivo deste projecto é, para além do estudo científico do achado, a formação profissional de jovens arqueólogos. Para isso, é indispensável que novas campanhas tenham lugar e que os resultados obtidos continuem a ser divulgados. Até lá, o mar de Peniche vai continuar a guardar os segredos de um dia de infortúnio para os marinheiros romanos!

SÓNIA BOMBICO
Arqueóloga, licenciada pela UC

